

Evaristo Eduardo de Miranda
Pesquisador da Embrapa,
presidente da Ecoforça
e diretor do Instituto Ciência e Fé.



No princípio era o Boi

“O Cristo não é
semelhante ao
rinoceronte unicórnio,
nem ao minotauro
bicórnio, mas ele é
como o touro
de dois chifres:
terrível juiz e doce
salvador”.

*Tertuliano in Adversus
Marcionem II, XVIII,
P.L.2, 346b*

A tradição vê um boi no estábulo onde nasceu Jesus (essa tradição inspirou-se do profeta Isaías: “Um boi conhece o seu proprietário e um jumento, a manjedoura na casa de seu dono” [Is 1,3]), contemplando e ruminando junto com o jumento (simbolicamente eles estão atados, como uma parilha, ao arado desse divino nascimento, ultrapassando a lei que proibia tal ajuugamento “Não trabalharás com um boi e um jumento juntos” [Dt 22,10]), sobre o novo princípio, o novo príncipe. Tanto Ezequiel, como o Apocalipse, descrevem o boi, o jovem touro, como um dos quatro animais celestes (Ez 1,10; Ap 4,7). Desde Irineu, a tradição cristã já assimilava os quatro animais (leão, touro, homem e águia) com cada um dos evangelistas (essa não foi certamente a intenção do autor do Apocalipse que referia-se ao profeta Ezequiel [1,10]). A Lucas, corresponde o boi. E foi esse boi Lucas, esse bom Lucas, quem nos deixou mais detalhes sobre o princípio de Jesus, num estábulo. No princípio, no estábulo, estava e era o boi. Por que?

A letra “A” principia nosso alfabeto. Originalmente, nos

hieróglifos egípcios, ela era representada pelo desenho de um boi, com seus dois chifres: “V”. Na escrita caananita, a letra foi vertida para a horizontal “∞” e depois para a vertical. A inversão vertical, com relação ao primeiro grafismo, deu origem ao alfa grego e ao “A” latino. A posição horizontal ainda é mantida no alfa minúsculo “α” e na letra “a” cursiva. Em hebraico, a letra *alef* também aponta seus chifres para os céus. A palavra *alef* tira sua raiz de *elef* que significa boi, gado graúdo. *Alef* evoca também o verbo domesticar, aprender, ensinar e estudar. *Aluf* é príncipe, mestre,

Hoje, o “A” está invertido,
com seus chifres voltados
para o mundo
e não para os céus.

esposo. Cristo é apresentado nas escrituras como o Alef, o Alfa, o “A”, o princípio, o príncipe, o mestre, o esposo. Hoje, o “A” está invertido, com seus chifres voltados para o mundo e não para os céus.

Existem várias relações e diferenças entre a simbologia do boi e do touro (*shor*), e do arredondado (*agol*) bezerro (*eguel*), sempre assemelhados. A castração opõe o boi ao touro, dá-lhe outra fertilidade, interior, conferindo-lhe imagem de docilidade, paciência e aptidão ao trabalho e ao sacrifício. Para os gregos, o boi era um animal sagrado,

molado nos sacrifícios. A palavra holocausto (do grego *holókauston*, 'sacrifício em que a vítima era queimada inteira'; precedida pelo artigo definido, a palavra evoca a execução, em massa, de judeus e/ou de outras minorias perseguidas, como ciganos, homossexuais, etc, durante o nazismo) e hecatombe (do grego *hekatómbe* [*< gr. hekatón*, 'cem', + *gr. boûs*, 'boi'] evocam a imolação e o sacrifício de cem bois, onde chamas e fumaça dirigiam-se e ascendiam aos céus. Na mitologia grega, a lira de Apolo foi inventada e dada por Hermes para obter seu perdão. Esse ladrão dos bois de Apolo, confeccionou-a com pele e nervos de boi, num casco de tartaruga, sacrificando animais. Também na tradição judaica, o boi é um dos animais oferecidos em sacrifício (Ex 29,10-11; 1Sm 1,24-25; 2Sm 6,13; 1Rs 18,23; Ez 43,19; Dn 3,40). No Brasil, o boi de piranha, que o vaqueiro faz atravessar o rio antes da boiada para saber se há ou não piranhas, por extensão designa a pessoa que se submete a um sacrifício para favorecer os companheiros.

Se na visão religiosa, o boi - com sua força tranqüila - é visto como sacrifício, ele também simboliza o sacrificador. Quando o boi abre a terra, a *adamá*

cósmica, e a prepara para a boa semente, assimila-se à figura do sacerdote. Ele sulca mansamente a terra intelectual para que ela receba a fecundidade das sementes e das chuvas celestes. Enfim, sua paciente ruminação exprime o trabalho interior, cultivar a terra interior, a lenta assimilação dos conteúdos inconscientes pelo consciente, o obscuro germinar da vida, a gestação cósmica, a partir da morte da semente, se-
pultada em boa terra. Integrar em nossa animalidade, o boi que existe em nós, é gerar em nós a unidade do sacrifício e do sacrificador.

Os chifres do boi representam sua força invencível e conservadora. Corno e coroa são, etimologicamente e em profundidade, a mesma palavra, em hebraico *qeren* cuja raiz evoca também raios de luz, esplendor e glória. Os dois chifres evocam a energia descendente e ascendente. Na estátua de Moisés, de Michelângelo, os dois raios de luz

sobre a cabeça são apresentados como dois chifres sólidos. Os chifres do boi estão dirigidos para o céu como antenas que buscam a fonte de informação. O céu exterior simboliza e aponta para o nosso céu interior. No humano, os cabelos correspondem aos chifres do boi e simbolizam nossa coroa (*keter*) e nossa força (como na história de Sansão [Jz 16,17]). A informação é fonte de força. No sentido da mística judaica e cristã, a

força é energia formadora, a partir do interior, daquele que a conquista. Aquele que é in-formado, tem a força. Ele aprende, compreende e surpreende. Pode instruir e ensinar. Nada de ensinamentos intelectuais mas experiência vivida, interiorizada e prazerosa. Ele afasta-se do homem banal, daqueles cuja energia vem de motivações exteriores ou de uma vontade que é tensão e fonte de esgotamento.

Quem busca sua formação no exterior, de fora para dentro, vive de ilusão, sofre e gasta sua energia no vazio. No Ocidente, o alfa grego "α" e o "A" latino, invertidos, buscam sua in-formação no mundo. Essas letras perderam seu poder. Estão castradas e esvaziadas de sentido. Na Bíblia, a imagem do boi nos convida a conversão (*teshuvá*) e não a inversão, da vida e valores (como a modernidade fez com a festa do Natal, transformando-a numa orgia de consumo e materialidade). Esse é o caminho para conhecer, re-conhecer e salvar o boi que está em nós. Para a mística judaica, o alfabeto é como uma escada que sobe aos céus. Seu primeiro degrau é a letra "A", o *alef*. O "A" é uma fonte divina que fecunda todas as letras, todos os sons. O "A" é graça e verdade, como no A-mén. A palavra hebraica verdade *emet*, sem o *alef* inicial transforma-se em morte, *met*. O *alef* corresponde ao dia primeiro, ao dia Um da Criação. O *alef* é a base e a luz de todos os cálculos e atos de Deus no mundo, sinal da sua unidade. No princípio era o "V". No princípio estava o boi.

Quem busca sua formação no exterior, de fora para dentro, vive de ilusão, sofre e gasta sua energia no vazio.

